

A inteligência coletiva

15

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 212 p.

RESENHA

Celso Samir Guielcer de For*

A obra de Pierre Lévy que tem por subtítulo: “por uma antropologia do ciberespaço” mostra uma tentativa epistemológica de construir alguns referenciais sobre o pensamento baseado na velocidade e nas transformações da informática e das tecnologias da informação no mundo contemporâneo.

O texto é estruturado de tal forma que cada parte se completa. É uma espécie de grande quebra-cabeça que, aos poucos, vai se mostrando, revelando com uma unidade temática e de sentido; em outras palavras, cada capítulo compõe uma parte do projeto, e cada parte expõe as facetas do projeto, um texto bastante metafórico, mas contando com uma objetividade de sentido e de significação do ciberespaço e da inteligência coletiva.

O ciberespaço é um lugar onde os acontecimentos estão em constante transformação e onde as *inforvias* garantem a velocidade dessas transformações. A partir da afirmação no prólogo, podemos começar a demonstrar a construção de um projeto realmente efetivo de uma possível nova forma de racionalidade. Esse projeto está baseado na ideia de mundialização das características humanas, conforme excerto extraído da obra:

Na verdade, as decisões técnicas, a adoção de normas e regulamentos, as políticas tarifárias contribuirão, queiramos ou não, para modelar os equipamentos coletivos da sensibilidade, da inteligência e da coordenação que formarão no futuro a infra-estrutura de uma civilização mundializada. (p. 13).

* Licenciado em Filosofia. Especialista em Informática Educativa. Mestrando em Filosofia da Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Lévy alerta para o fato de que voltamos a ser nômades, e esse nomadismo está vinculado ao problema da velocidade, e essa está “lincada” a viagens em um mundo de significados e a uma multiplicação exagerada de saberes e de conhecimentos. Esse nomadismo não está vinculado à ideia de um espaço territorial geográfico. É visualizando o problema da relação do social que nos afastamos e que contraímos ainda mais nossas relações e nossas trocas propriamente humanas.

Então, o projeto da inteligência coletiva é um projeto de estabelecimento de relações entre indivíduos, talvez isolados, que podem agora entrar em contato com outros.

O problema da inteligência coletiva é descobrir ou inventar um além da escrita, um além da linguagem tal que o tratamento da informação seja distribuído e coordenado por toda parte, que não seja mais o apanágio de órgãos sociais separados, mas se integre naturalmente, pelo contrário, a todas as atividades humanas, volte às mãos de cada um. (p. 17).

O livro está dividido em duas grandes partes: 1- A engenharia do laço social; 2- O espaço do saber. Para acompanhar a estrutura e a visão que Lévy entrelaça, gostaria de seguir seu pensamento. *Primeira parte:* Cap.1 Os justos. Ética da Inteligência Coletiva; Cap. 2 As qualidades humanas. Economia da Inteligência Coletiva; Cap. 3 Do molar ao molecular. Tecnologia da Inteligência Coletiva; Cap. 4 Dinâmica das cidades inteligentes. Manifesto por uma política molecular; Cap. 5 Coreografia dos corpos angélicos. A teologia da Inteligência Coletiva; Cap. 6 A arte e a arquitetura do ciberespaço. Estética da inteligência coletiva. *Segunda parte:* Cap. 7 Os quatro espaços; Cap. 8 O que é um espaço antropológico?; Cap. 9 Identidades; Cap. 10 Semióticas; Cap. 11 Figuras do espaço e tempo; Cap. 12 Instrumentos de navegação; Cap. 13 Objetos do conhecimento; Cap. 14 Epistemologias; Cap. 15 As relações entre espaço. Para uma filosofia política.

Na *primeira parte*, Lévy vai tratar mais das situações dos humanos que se ligam uns aos outros ocupando espaços. O primeiro capítulo da primeira parte (p. 35 a 40) com o título: “Os justos. Ética da inteligência coletiva” refere que a ética que ele menciona é a da hospedagem. Ser hóspede e ser hospedado; a relação de respeito e cumplicidade dentro das trocas intensas expostas. E, para colorir essa densidade, usa a metáfora bíblica de Sodoma e Gomorra. Lot dá hospitalidade a estranhos. E essa

hospitalidade é demonstrada na persistência em não entregar os estrangeiros. Poderíamos, a partir da visão da mulher de Lot, pensar como a tentação ataca também o justo, e, principalmente, como, a partir de um justo, podemos formar o grupo dos justos, apesar de serem minoria e construir uma sociedade dos justos.

No segundo Capítulo: “As qualidades humanas. Economia da inteligência coletiva” (p. 41 a 46). Busca lançar pistas para pensarmos um pouco sobre as condições da produção de uma subjetividade, como principal atividade econômica. O terceiro Capítulo: “Do molar ao molecular. Tecnologia da inteligência coletiva” (p. 47 a 58) é uma tentativa de montar uma hierarquia, que não é estática, mostrando como as partes e todos se relacionam ao todo. No fim do capítulo, o autor mostra um quadro esquemático mostrando a evolução da técnica e da tecnologia. Capítulo 4: Dinâmica das cidades inteligentes. Manifesto por uma política molecular (p. 52 a 82). É um estudo importante para representar a democracia em tempo real e reconhecer a importância de usarmos os meios de comunicação para podermos atuar nesse espaço de informação como verdadeiros cidadãos. Ainda no Capítulo 5: “Coreografia dos corpos angélicos. A teologia da Inteligência Coletiva. Elaborar uma ideia que visa a mostrar o elemento ontológico da comunicação, uma quase metafísica da comunicação. E o Capítulo 6: “A arte e a arquitetura do ciberespaço. Estética da Inteligência Coletiva”. Constrói uma estética, formas mostrando elementos fundamentais da estética e da construção de elementos sociais e ontológicos da continuação das obras continuadas. Aqui ele tenta estabelecer um vínculo entre o real e o virtual.

Na *segunda parte* sob o título “O espaço do saber”, acontece o entrelaçamento dos elementos assim chamados antropológicos. Capítulo 7: “Os quatro espaços” mostra quatro condições de evolução do pensamento e desenvolvimento do mesmo. Por isso, no Capítulo 8, ele se pergunta sobre o espaço antropológico.

No Capítulo 9, o que se constata é a reconstrução dos fragmentos estabelecidos desde o início de sua análise e até a construção de seu projeto. Por isso, o Capítulo 9 tem por título “Identidades”. Já no Capítulo 10, o que temos é uma construção significativa sobre o problema da própria significação, cujo título é “Semióticas”. Nos Capítulos 11 e 12, as possibilidades de entrelaçamento entre o real e o virtual são abordadas, agora, dando ênfase à necessidade de entrelaçamento e efetivação do projeto de Inteligência Coletiva.

Por fim, os três últimos Capítulos (13, 14 e 15) representam a concretização do projeto de Inteligência Coletiva como uma condição antropológica e propriamente efetiva no meio das pessoas a partir do meio técnico informacional, mostrando a efetividade do processo de Inteligência Coletiva e do social. Por isso, *a inteligência do todo não resulta mais mecanicamente de atos cegos e automáticos, pois é o pensamento das pessoas que pereniza, inventa e põe em movimento o pensamento da sociedade.* (p. 31).

Referência

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 212 p.

Recebido em 15 de abril de 2010 e aprovado em 3 de maio de 2010.